

Cartas de Paris X – Setembro Amarelo

Já disse, certa vez, que setembro é o período de que mais gosto no sertão: é o mês das craibeiras. Paisagens belíssimas, com as árvores amarelo-cuscuz a enfeitarem a vista. Simplesmente deslumbrante, pura higienização mental para os viajantes que atravessam o Alto Sertão alagoano! É o mês do Setembro Amarelo, símbolo da campanha brasileira de conscientização sobre a prevenção do suicídio e os cuidados com a saúde mental. E é, também, o mês em que o sobrinho briga com o tio, o namorado com a namorada, o vizinho com a vizinha — período em que velhas amizades se desfazem. Enfim, não estamos num setembro de um ano qualquer. Mas esse detalhe justificaria tanta odiosidade?

Tive o desprazer, na semana passada, de receber do Algoritmo (com “a” maiúsculo mesmo, pois, a cada dia, parece se tratar de sujeito próprio, dotado de vontades e preferências) um vídeo em que um senhor (na melhor idade) descia a mão no seu amigo (igualmente de cabelos brancos) após um desentendimento político. E, por óbvio, imaginei que a política ali tratada passaria longe da compreensão inicial grega, a qual significava a atividade humana cívica voltada a harmonizar interesses e decidir os rumos da comunidade. Coloquei-me então a refletir: será que os candidatos conheceriam aquelas pessoas que interagem com tapas e socos, ante o olhar perplexo dos demais amigos? E, para piorar, numa mesa de bar — local que, por excelência, é o ambiente da boa prosa, da música, da cerveja gelada e da “filosofia de boteco”. Lugar tão sagrado que eu costumo falar que a ONU deveria ter um, para colocar os líderes políticos de cada país para dialogarem após os exaustivos e retóricos discursos. Por certo que, entre um trago e outro, com um bom samba de roda, teríamos menos guerras!

Vivenciamos um momento delicado na pólis brasileira. Sobre isso, ninguém tem dúvida! Entre crises institucionais, financeiras e politiqueiras, o brasileiro passou a internalizar pseudoideais que não correspondem à vida real da “classe dirigente”. E o pior: brigando com unhas e dentes contra os seus próximos por um resolutivo grupo de pessoas e os seus respectivos motes que vivenciam o mármore de Brasília. Escutei um dia desses, enquanto passeava com o meu feroz cachorrinho, de um vizinho muito querido (procurador aposentado do Estado de Alagoas), que há muito tempo não vestia a camisa canarinho e que, quando precisou comprar, comprou a camisa azul. Escutei aquilo com um meio-sorriso no rosto, mas com a mente perplexa. Como um grupo de pessoas pôde se apropriar das cores da nossa bandeira nacional em contrapartida a outro grupo que passou a ter ojeriza a elas? Está tudo errado! Não existe o bem contra o mal, o honesto contra o desonesto (e aqui, o Algoritmo que nos faz chorar também nos faz sorrir; vi uma postagem que perguntava: “E aí, já decidiu quem você vai perdoar?”). E talvez, nesse post, esteja a essência do que vivenciamos: todos os atores eleitorais carregam os seus anjos e demônios. Não existe nenhum purista nessa “caminhada democrática” que justifique o seu ódio contra um irmão próximo.

Nesse momento de extrema polarização da sociedade, recordei-me dos ensinamentos de John Rawls em sua obra *Uma Teoria da Justiça*, na qual propõe um experimento mental no qual um grupo de pessoas, na iminência de fundar uma nova sociedade, estabeleceria as normas e os valores fundantes. No entanto, nenhuma delas saberia o lugar que iria ocupar naquela nova comunidade (estariam sob o Véu da Ignorância), de tal forma que poderiam ser garis, juízes, professores, agricultores, *et coetera*. Logo, não sabendo qual lugar ocupariam, a tendência seria escolher princípios que atendessem, da melhor forma possível, a todos os estratos sociais — nem **maximizando** direitos para determinado grupo, nem **minimizando** os mesmos para o grupo diverso. Então, dentro dessa ótica do Princípio do *Maximin*, penso que, dentre os anjos e demônios que

todos nós carregamos, uma reflexão deve prevalecer: supondo que você realmente não saiba quem irá dirigir a nossa sociedade pelos próximos quatro anos, e supondo que você (por acaso) venha a pertencer ao grupo derrotado, qual deles lhe acautelará o essencial para que você esteja em condição de disputa daqui a quatro anos? Se não sabe a resposta, se ainda estiver sob o véu, pelo menos não brigue nem esmurre o seu próximo.

Viva a democracia!

Frederico Alves Monteiro Pereira

Promotor de Justiça de Delmiro Gouveia